

A ÉTICA TEOLÓGICA E A NEUROÉTICA

Visão crítica e construtiva da ética teológica à luz da neurociência

*Luiz Augusto de Mattos**

Resumo:

O autor apresenta o seu ensaio em duas partes. Neste considera o desafio da teologia em sua tarefa contínua de aprofundar e redefinir seus pressupostos, argumentações, paradigmas e métodos teológicos a partir de um diálogo responsável com outras áreas de conhecimento. Além disso, manter constante a interação com realidade sócio-cultural e política. Um dos desafios atuais é o de compreender como articular a base neuronal e outros elementos fundamentais da vida humana, em vista de uma conduta ética dos indivíduos. Daqui surgem muitas e novas questões. O diálogo com a neurociência requer um pensar dialético, interativo e holístico. Não se pode dizer que uma ética teológica fundamentada nas bases cerebrais possa levar necessariamente a identificar o *moralmente bom*. Também o autor vê dificuldade em taxar uma ética teológica fundamentada também no cérebro como uma ética necessária e unicamente com tendência *universal*.

Palavras-chaves: Ética; Ética: neurociência; Neurociência: conduta humana.

Abstract:

This is the first part of a longer essay. At this moment, the author has in mind the great and important challenge

*Professor de Moral
no ISPES-ITESP

to theology that is its continuous task to deepen and redefine its assumptions, reasons, paradigms and theological methods alongside to a responsible and fruitful dialogue with science and other areas of knowledge. And even more, to maintain constant interaction with socio-cultural and political reality. One of today's most pressing challenges is to understand how articulate the neuronal basis and other key elements of human life, in view of an ethical conduct of individuals. The dialogue with Neuroscience requires a holistic, interactive and dialectical approach. It cannot be said that a reasoned Theological Ethics in brain bases can take necessarily identify the *morally good* nor that the brain as an ethics necessarily and solely with a kind of universal trend.

Key words: Ethics; Ethics: neuroscience; Neurosciences: human conduct.

A presente reflexão quer colaborar com a ética teológica no que diz respeito à necessidade de ser re-estruturada à luz da neuroética. Isso tem como preocupação de fundo a pertinência e a relevância diante de uma sociedade secularizada, plural e democrática, que caminha a passos largos a partir de uma mudança sócio-cultural e tecnocientífica, que leva a profundas mudanças na maneira de conceber a vida e o mundo.

Para isso, nesta *primeira parte* da reflexão procura-se explicitar a importância da temática do pensar a ética teológica a partir da neuroética. Isso exige entrar no mundo das descobertas da neurociência. Em seguida, aponta-se para o que seria uma ética teológica alicerçada nas conquistas da neurociência, mostrando assim os desafios que se apresentam. E, num último item, busca-se trabalhar os elementos que deverão constituir a ética teológica na perspectiva da neuroética. Aqui são apresentadas algumas pistas iluminadoras desse caminho.

Fica para outra reflexão (IIª parte) o trabalho de aprofundar alguns temas da ética teológica fundamental à luz da neuroética. O trabalho apresentado quer pensar a ética teológica desde a neurociência e, por isso, ter por base a neuroética: ciência que promete muito daqui para frente.

I. A RELEVÂNCIA DA TEMÁTICA EM QUESTÃO

A capacidade do povo de fazer o bem faz a ética biológica desejável; sua capacidade de fazer o mal torna a ética necessária.

Reinhold Niebuhr

Um desafio grande e importante que a teologia tem que enfrentar é o de seguir aprofundando e redefinindo seus pressupostos, argumentações, paradigmas e métodos teológicos a partir de um diálogo responsável e profícuo, científico e interdisciplinar com outras áreas de conhecimento, além de uma interação e um aprofundamento pertinente da realidade sócio-cultural e política.¹ A visão de *verdade ou conhecimento perene*, sagrado e intocável não ajuda mais; vale dizer, não atualizar científica e contextualmente o conhecimento apenas atrapalha o enriquecimento e o deslanchar do próprio pensamento ético-teológico.

A sociedade avança em nível de conhecimento e novas práticas, por exemplo, na medicina, mas a teologia tem ficado refém de uma abordagem arcaica, defasada e irresponsável – isso em relação a algumas áreas de estudo e temáticas *no* e *do* campo teológico.² Bastante expressivo é o descompasso da ética teológica ao tratar de temas ligados à sexualidade, procriação humana e família. Há discursos, documentos e posturas pastorais que não ajudam mais a vida do povo e a dinâmica societária.³ E quando se fala de ética teológica há que ter claro que, ela

*deve ter um olho posto nos valores éticos da justiça do reino anunciado por Jesus e o outro olho direcionado para a configuração do contexto histórico das pessoas, para as quais essa justiça deve ser uma boa nova de libertação. Por isso, a moral deve renovar-se continuamente, buscando uma melhor fundamentação antropológica e encontrando categorias mais adequadas para fazer-se entender. A pura repetição de formulações antigas e a transformação da moral em receitas prontas e acabadas significam sua redução à insignificância. Para desempenhar o seu papel de orientar as consciências, a moral deve estar aberta aos novos problemas, buscar novos métodos, tentar novas fundamentações.*⁴

¹ Partindo de uma reflexão interdisciplinar e transdisciplinar a teologia tem que dialogar e trabalhar com as ciências sociais, naturais, médicas, filosóficas, etc.

² C. A. BRIGHENTI, Igreja, teologia e magistério na América Latina. Confrontos desnecessários e tensões inevitáveis, *CONCILIUM*, (2012), 345, pp. 39-40.

³ Cf. T. A. SALZMAN – M. G. LAWLER, *The sexual person: toward a renewed Catholic*. Washington: Georgetown University Press, 2008.

⁴ Cf. J. R. JUNGES, *Evento Cristo e ação humana*. Temas fundamentais da ética teológica. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 11.

Outro problema para a ética teológica é que a civilização humana está progredindo *assustadoramente* com a mudança sócio-cultural, o desenvolvimento técnico-científico, o poder do Mercado sobre as vidas e a nova concepção de vida, espaço e tempo. As mudanças que surgem são irreversíveis e bastante significantes em muitos pontos importantes para a vida dos seres humanos e do mundo.⁵ Enfim, a ética teológica não está conseguindo dar *respostas* à altura da demanda pessoal, familiar, eclesial e societária.

⁵ Uma experiência marcante é a interação do indivíduo com os meios de comunicação. Fala-se em *reformatação da subjetividade*. Cf. B. CARENZA, *Juventude em movimento: política-linguagens-religião*. In OLIVEIRA, P. R. DE – G. DE MORI, *Mobilidade religiosa*. Linguagens, juventude, política. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 219

⁶ Cf. E. MORIN, *O método*. 6. Ética. Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 70.

⁷ Cf. H. JAPIASSU, *Ciências: questões impertinentes*. Aparecida: Idéias & Letras, 2011, p. 14.

⁸ Cf. F. MORA, *Neuro-cultura*. Uma cultura baseada em cérebro. Madrid: Alianza, 2007, p. 35. O autor informa que o termo neuroética foi cunhado por William Safire. Trata-se de uma nova ciência que visa combinar o conhecimento biológico com o sistema de valores humanos.

Contudo, não se pode deixar de sinalizar a preocupação com o *messianismo científico* ou a idolatria da técnica, o dogmatismo ou o fundamentalismo científico, a hipertecnização em relação à vida dos seres humanos, dos animais e da natureza, com outras palavras, a onipotência científica é uma realidade inegável e que apresenta riscos.⁶ Ou seja,

*vivemos forçosamente como um drama os malefícios do cientificismo, com sua visão simplista e até mesmo vulgar, marcado pelo selo de um dogmatismo e de um autoritarismo mais ou menos intolerantes, para não dizer fanáticos. Relativamente a seu predecessor, o cientificismo contemporâneo é mais estreito e míope: limita-se a uma abordagem técnica e pragmática da questão social. Enquanto herdeiro do relativismo do início do século passado, faz desaparecer o problema ético em proveito de uma visão puramente tecnocrática e gestonária das coisas.*⁷

Essa reflexão não nos deve levar a desconsiderar a importância do poder científico no que diz respeito ao aspecto de progresso humanitário e ético. Há que distinguir os desvios e as conquistas benéficas para a humanidade.

Mas, ao se tratar da ética teológica, que tem a ver com o *DEVER SER*, ou seja, a ação dos seres humanos e da sociedade, a mesma é desafiada também pelas descobertas que surgem com a neurociência.⁸ O progresso da neurociência apresenta em seu bojo enormes desafios para ética teológica. Alguns, por exemplo, de natureza prática, como monitorar e manipular a mente humana ou melhorar as funções motoras, psíquicas e entender determinadas tomadas de decisões

na vida. Por isso a necessidade, a importância e a relevância de estudar as implicações advindas da neuroética para a ética teológica.⁹ Pode-se dizer que a neuroética se apresenta

como um amálgama da ética e neurociência, pelo que os níveis descritivos e normativos (prescritivos) são complementares uns aos outros sem que nenhum seja diminuído ou eliminado.

¹⁰ Também pode-se entender neuroética como a *neurociência da ética*.¹¹ Vale dizer, constata-se que o estudo dos circuitos cerebrais e sua atividade é que vão favorecer o ser ético e moral do indivíduo. A neuroética aceita, como critério básico, a compreensão de que a ética depende do funcionamento do cérebro e, em particular, de certos sistemas cerebrais trabalhando num contexto social.¹²

É importante também procurar elucidar a respeito da *incidência* da neuroética na teologia moral. Enfim, a partir da neuroética o que se pode iluminar e/ou redefinir no mundo da teologia moral. Nesse sentido, assumimos a tese central da neurocultura¹³ de que todo pensamento e toda conduta humana residem no funcionamento do cérebro; e que esse funcionamento se deve a códigos que o cérebro tem adquirido ao longo da sua história evolutiva e genética, disso se pode deduzir que o conhecimento destes códigos influencia na nossa maneira de estar no mundo e no modo de interpretar o mundo e tudo o que existe nele. De maneira especial, a realidade humana; o que quer dizer, valores e normas éticas e sociais ou os conceitos mais elevados que seguimos e respeitamos para poder manter a dinâmica de uma sociedade civilizada.¹⁴ Ademais,

*o fato de agir de acordo com um dado princípio ético requerer a participação de circuitos modestos no cerne do cérebro que não empobrece esse princípio ético. O edifício da ética não desaba, a moralidade não está ameaçada e, num indivíduo normal, a vontade continua a ser vontade. O que pode mudar é a nossa perspectiva acerca da maneira como a biologia tem contribuído para a origem de certos princípios éticos que emergem num determinado contexto social, quando muitos indivíduos com uma propensão biológica semelhante interagem em determinadas circunstâncias.*¹⁵

⁹ Cf. A. CORTINA, *Frankenstein: el origen de la neuroética*, *EL PAÍS*, 17/10/2010; D. J. KIPPER, *Neuroética: uma reflexão metodológica*, *Revista BIOÉTICA*, (2011), 19(1), pp. 35-36.

¹⁰ Cf. D. J. KIPPER, *Neuroética. Uma disciplina em construção*. *Revista BIOÉTICA*, (2011), 19, p. 407. O autor apresenta a definição a partir de G. NORTHOFF, *Neuroscience of decision making and informed consent: an investigation in neuroethic*, *J. MED. ETHICS*, (2006), 32, pp. 70-73.

¹¹ Neurociência parte do marco ético para regular a conduta na investigação neurocientífica e na aplicação do conhecimento neurocientífico em relação aos seres humanos. Cf. A. CORTINA, *Neuroética e neuropolítica*. Sugerencias para la educación moral. Madrid: Tecnos, 2011, p. 44; J. M. GIMÉNEZ AMAYA – S. SÁNCHEZ-MIGALLÓN, *De la neurociencia a la neuroética*. Narrativa científica y reflexión filosófica. Pamplona: EUNSA, 2010.

¹² Cf. F. MORA, *Neurocultura*, op.cit., p. 72.

¹³ A neocultura pode ser definida como o reencontro entre a neurociência (conjunto de conhecimento de como funciona o cérebro) e os produtos desse funcionamento que é o pensamento, os sentimentos e a conduta humana.

¹⁴ Cf. F. MORA, *Neuro-cultura*, op.cit., p. 16.

¹⁵ Cf. A. DAMÁSIO, *O erro de Descartes. Emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 14.

¹⁶ Cf. A. DAMÁSIO, *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 398; M. S. GAZZANIGA, *El cérebro ético*. Buenos Aires: Paidós, 2006, p. 168-169.

¹⁷ *Cada gesto, cada palavra, cada decisão e realização humanas são expressões e produtos de uma pessoa real, de pessoas reais que pisam, vivem e se movimentam na terra comum*. Cf. B. LEERS, *Teologia moral, ciências humanas e sabedoria popular. Um tripé que deu certo*. Petrópolis: Vozes, 2010, pp. 61-62.

¹⁸ Cf. A. DAMÁSIO, *O erro de Descartes*, op. cit., pp. 293- 296, itálico nosso.

A teologia moral tem que descobrir que toda conduta ou ação humana é também determinada não apenas pelo prescrito das normas morais, princípios e leis – *Só criamos um sentido do bem e do mal, assim como normas de comportamento consciencioso, a partir do momento em que tomamos conhecimento de nossa própria natureza e de outros como nós*¹⁶ – mas também pela realidade neuronal, emocional, genética que todo ser humano possui e é.¹⁷ Há uma realidade inata e inegável que nos condiciona no momento de assumir um comportamento ou realizar alguma prática. Antes do *Dever-ser* existe o *Ser*. Com se afirma:

*Em algumas espécies não humanas, e mesmo não primatas, em que a memória, o raciocínio e a criatividade são limitados, há, mesmo assim, manifestações de um comportamento social complexo cujo controle neural tem de ser inato. Os insetos – as formigas e as abelhas em particular – apresentam exemplos dramáticos de cooperação social que poderiam facilmente fazer corar de vergonha a Assembleia Geral das Nações Unidas. Mais próximos de nós, os mamíferos exibem manifestações semelhantes, e os comportamentos dos lobos, golfinhos e morcegos-vampiros, entre outras espécies, sugerem até a existência de uma estrutura ética. É evidente que os seres humanos possuem alguns desses mecanismos inatos, os quais são provavelmente a base de algumas estruturas éticas usadas pelo homem. No entanto, as convenções sociais e as estruturas éticas mais elaboradas pelas quais nos regemos devem ter surgido e sido transmitidas de forma cultural. Assim sendo, poderemos perguntar-nos qual foi o mecanismo desencadeador do desenvolvimento cultural de tais estratégias? É bem provável que elas se tenham desenvolvido como um meio de mitigar o sofrimento sentido por indivíduos cuja capacidade de lembrar o passado e antever o futuro tinha atingido já um grau notável de desenvolvimento. Em outras palavras, essas estratégias desenvolveram-se em indivíduos capazes de se aperceber de que sua sobrevivência estava ameaçada ou que a qualidade de vida pós-sobrevivência podia ser melhorada.*¹⁸

Uma questão séria para a teologia moral é que diz respeito aos comportamentos antissociais que ocorrem com a quebra de regras ou descompromisso com uma orientação ética.

Em indivíduos, por exemplo, violentos, psicopatas, perversos (masoquista, sádico, pedófilo, etc.) ocorre a incapacidade de seguir os parâmetros éticos exigidos numa sociedade.¹⁹ Uma predisposição neurobiológica limitada – áreas cerebrais comprometidas funcional ou estruturalmente – levantam questionamentos sérios quando se trata de um discernimento moral ou juízo de valor sobre atos, atitudes e projetos de vida de um indivíduo. Por isso o questionamento a respeito dos indivíduos com limitações:

*se são inaptos para sentir o que é moralmente correto devido à incapacidade neurobiológica por trás de seu controle, são eles totalmente responsáveis por seus comportamentos criminais? Se não, quais são as implicações para a punição, bem como para nosso conceito de justiça? Como obter o consentimento livre, autônomo e esclarecido em indivíduos com déficits neurológicos? Como resolver a difícil fronteira entre o que é normal e o que é patológico? Estes são alguns desafios contidos na interface entre a neurociência, a lei e a neuroética,*²⁰

E também a ética teológica.

Não dá para negar ou minimizar a importância que a função cerebral é ou tem na determinação de nossas obrigações éticas ou ações morais diante do outro e da sociedade. Deve ficar claro que, por trás das decisões morais os sistemas afetivos e os processos cognitivos são de extrema importância na vida de qualquer indivíduo ou grupo social. Por isso,

*as concepções biologicamente fundamentadas de controle consciente e inconsciente são importantes para o modo como vivemos e em especial para como devemos viver. Mas talvez sua maior importância resida nas questões pertinentes ao comportamento social – em particular o setor do comportamento social conhecido como comportamento moral – e à violação dos acordos sociais codificados em leis.*²¹

Há pensadores preocupados em afirmar que não existe um cérebro ético, inato pelo fato de que isso implicaria no reconhecimento de que existe um *código de moral universal*.²² O professor Santoyo procura fundamentar, a partir de

¹⁹ Cf. D. J. KIPPER, *Neuroética: uma disciplina em construção*, *op. cit.*, p. 403-404.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ Cf. A. DAMÁSIO, *E o cérebro criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 344.

²² Cf. J. M. SANTOYO, *Tenemos un cerebro ético? Un estudio desde el sentido moral de los bebés*. *MORALIA*, (2011), pp. 130-131.

²⁵ Entre os autores que não concordam com essa posição pode-se citar: Michael S. Gazzaniga, J. Q. Wilson.

uma pesquisa com bebês, que os códigos de moral existentes são consequências da cultura na qual têm surgidos e não das capacidades humanas inatas. Também procura dizer que em toda a sociedade existe certa noção de justiça, equidade e lealdade etc.; além disso, comenta que a moral cristã não está presente nos bebês e que essa moral cristã não é produto da biologia e sim da cultura.²⁵

Penso que o autor tem certa razão, não total! É verdade também que a conduta humana numa sociedade é determinada, por exemplo, pelos valores, normas, políticas e leis que fazem parte da dinâmica de uma respectiva sociedade. Contudo, com isso não se pode negar que todo comportamento humano e social é determinado pelas nossas realidades humana e social. Ademais, a interação entre a natureza humana (cérebro, genética, física etc.) e a cultura é, hoje, fato indiscutível. Não vamos dizer que a moral cristã é produto da biologia, mas sim que ela só pode ser vivenciada, assumida livre e conscientemente a partir de cada indivíduo ou grupo social na sua singularidade humana e existencial. Nesse sentido o próprio professor Santoyo reconhece que uma decisão moral exige a intervenção da realidade cerebral.²⁴ E ainda, as nossas circunstâncias e outros aspectos do entorno físico são coisas que nos influenciam direta e indiretamente – qualquer situação em que nos encontramos estaremos respondendo às demandas que surgem. Ocorre um jogo de reciprocidade! Aspectos culturais, sociais, econômicos e religiosos influenciam diretamente sobre quem somos. Existem certos aspectos de nossa estrutura física e cerebral que estão condicionadas por elementos externos: 30% do ser humano estão conformados pela herança genética; 30% pela educação e o próprio esforço pessoal e 40% pelo imprevisível ou comportamento ocasional. Somos livres e ao mesmo tempo prisioneiros de nossa natureza; ou, não somos totalmente livres, mas temos o poder incrível de *dizer não*.²⁵

Há que tomar consciência de que somos alguém novo a cada dia, e que o ser humano é *espelho e criador de tudo que o rodeia, incluindo ele mesmo*. Com diz Rubem Alves: *As paisagens que vemos, assim é nossa alma. Porque nós vemos aquilo que somos*.²⁶ Por isso, como traçar um juízo de valor ou um discernimento ético em algumas atitudes ou comportamento pessoal se o ser humano é uma construção contínua e cheia de imprevisibilidade? Mais ainda se os sentidos estão comprometidos. Vejamos o porquê disso.²⁷

²⁴ Cf. J. M. SANTOYO, *Tenemos un cerebro ético?* *Op.cit.*, p. 145.

²⁵ Cf. L. M. ONTOSO, *Somos la única especie libre porque podemos construir la realidad*. cf. *Infoempleo.com*, 22/10/2006.

²⁶ Cf. R. ALVES, *Sete vezes Rubem*. Campinas: Papirus, 2012, p. 31.

²⁷ A reflexão que segue está baseada, com liberdade, no estudo Francisco Mora. Cf. F. MORA, *Continuum*. Como funciona el cérebro? Madrid: Alianza, 2002, p. 71-74; 88; 230

Tudo o que somos capazes de perceber do mundo que nos rodeia se dá através de nossos órgãos de sentido. Não existe a percepção extra-sensorial. Tudo o que fazemos, por exemplo, a leitura de texto ou a participação numa conferência é informação sensorial. O processo de decodificação que se realiza no cérebro de tudo aquilo que é cooptado pelos órgãos de sentido (audição, olfato, visão etc.) é o que proporciona a base e a riqueza dos conhecimentos. Fora desse enorme, inexplorado e também grandemente ignorado mundo de processos físicos e químicos que nos rodeia, não existem nem os fantasmas nem os espíritos. Os fantasmas se constroem em nosso cérebro, mas não saem dele. E mais, as neurociências atuais já nos indicam que o cérebro não tem acesso direto ao que acontece no mundo externo, a não ser que os eventos externos do mundo sejam traduzidos pelos órgãos dos sentidos (tato, gosto, olfato, audição etc.). Fica claro que, a linguagem que utiliza o cérebro para manejar-se é diferente da linguagem que se utiliza no mundo fora dele.²⁸

Mas como o ser humano distingue o *bem* e o *mal*? Essa distinção ocorre ao passar a informação sensorial pelo sistema límbico. As informações advindas dos órgãos de sentido adquirem um colorido emocional que não existe na natureza, mas que permite o indivíduo viver nela. Estes sistemas emocionais do cérebro na realidade criam percepções em um jogo que vai desde a disposição genética dos indivíduos até as modificações produzidas pelo meio ambiente.²⁹ Enfim, *cada ser humano vê um mundo e concebe um mundo diferente e de certa maneira incomunicável. Por isso que cada ser humano é um universo único e irrepetível.* Tudo isto nos leva a considerar a grandeza e a miséria de nosso cérebro. A grandeza está no que nos possibilita conquistar cotas de conhecimentos inimagináveis - nos dá conhecimento de como construímos o mundo, não o mundo físico que como tal desconhecemos, senão nosso mundo (o mundo construído por nosso cérebro graças aos estímulos que recebemos). O fenômeno de conhecer, interpretar não pode ser equiparado à existência de objetos *lá fora*, os quais captamos e armazenamos na cabeça. Toda experiência humana de qualquer coisa *lá fora* é validada pela estrutura humana, que torna possível *a coisa* que aparece na descrição. No que diz respeito à miséria de nosso cérebro essa está em que o cérebro não nos permite ir *mais* além da realidade finita.

²⁸ Um exemplo: a visão de uma laranja. Como constrói o cérebro a sensação e a percepção da laranja? Hoje se sabe que inicialmente a laranja não é analisada como objeto único pela retina, senão que é analisada e decomposta pela retina em muitos componentes que a formam, como a cor, a forma, a profundidade e sua relação com outros objetos do espaço. Todos estes componentes assim separados são enviados ao cérebro de uma forma individualizada e por vias diferentes e paralelas. Em seguida o cérebro reconstrói num longo e laborioso processo de síntese.

²⁹ O odor de ovos podres e nossa consciência do mau odor não existem realmente na natureza. Os ovos podres não exalam mau cheiro, mas nosso cérebro está condicionado a sentir esse mau odor porque assim permite o indivíduo discriminar com variáveis que são importantes para sua vida alimento que é tóxico e faz mal. É dessa maneira que nossos sentimentos impõem ao mundo significados que não existem; um mundo, por outra parte, que tem que ser bastante chato, porque sim os seres vivos devem ser silenciosos, sem sabores nem odores e cores.

⁵⁰ Cf. H. MATURANA – F. G. VARELA, *A árvore do conhecimento*. As bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Editorial Psy II, 1995, p. 24-26.

A ética teológica tem que ser despertada para a compreensão de que sem o conhecimento científico e responsável do cérebro, *sem um conhecimento das forças que modelam a conduta humana nunca poderá haver uma ética verdadeiramente objetiva, baseada nas necessidades e os direitos do ser humano*.⁵⁰ Necessita-se de uma nova ética se a humanidade quer superar a intolerância frente às diferenças e pluralidades na maneira de viver e conviver que tem levado a dogmatismos, fundamentalismos, discriminações, autoritarismo e moralismos. Ao mesmo tempo dissipar a falácia da argumentação de que o modo em que nos comportamos é a maneira que obrigatoriamente devemos nos comportar. Por isso, o cérebro ao procurar entender o próprio cérebro é a própria sociedade buscando entender a si própria.

II. UMA ÉTICA TEOLÓGICA A PARTIR DA NEUROCIÊNCIA

Atualmente torna-se uma exigência importante saber compreender como articular a base neuronal e outros elementos fundamentais da vida humana, em vista de uma conduta ética dos indivíduos. Para isso, é imprescindível levantar questões, como: as condutas dos seres humanos são condicionadas ou recebem influência do mundo cerebral? Numa afirmação positiva o que significa isso para as decisões éticas ou os juízos morais? Como passar do *ser* cerebral para o *dever ser* do indivíduo?

Se analisarmos, por exemplo, a questão das *normas morais*, necessariamente surgem dificuldades. Se partirmos da compreensão de que *as normas não caem do céu*;

são sempre fruto da experiência humana e surgem a partir de um contexto cultural e social. Não são absolutas no sentido de ser independentes de lugar, tempo e outras circunstâncias e de ser universalmente aplicáveis. São absolutas no sentido de não ser arbitrárias. (...) É necessário que a norma seja promulgada no âmbito da consciência, para que se imponha como obrigatória ou seja concebida como dever. Não basta puro conhecimento conceptual-legal; é necessário um conhecimento valorativo-ponderativo.

Segundo S. Tomás, para que haja um ato moral, é necessário que seja livre - imagine a complicação se aprofundarmos a respeito de que o sujeito tem que ser livre e que *todo princípio do agir está no sujeito moral*.⁵¹ No caso, por exemplo, de um distúrbio neuronal, como falar de liberdade do sujeito? Ou, se os mecanismos cerebrais foram determinados por um contexto sócio-cultural complicado?

Em uma situação de educação familiar em que uma

*criança que nasce e cresce numa atmosfera familiar exemplar, na qual os pais lhe pregam com a linguagem dos atos a honradez a toda prova, a fidelidade, a abnegação, o amor, adquirirá no seu computador cerebral um programa bioético muito diferente do da criança que nasce e cresce num orfanato ou num lar em que os pais se odeiam, insultam, batem, roubam, mentem e se enganam um ao outro, são infiéis e ainda a maltratam e lhe batem. Cada vez que um ser humano se tenta meter por atalhos eticamente proibidos, o seu computador cerebral mostrar-lhe-á o comportamento dos seus pais.*⁵²

Tudo tem a ver com a realidade de que o cérebro recebe informações do mundo extra-corpóreo que o determina. Nenhuma função cerebral pode ser compreendida desarticulando-a de uma ligação com a realidade externa, quando se trata de funções que determinam as ações dos indivíduos.

Se a neuroética é entendida como uma dimensão da ética que procura compreender ou perguntar pelas bases cerebrais da conduta moral dos seres humanos e que também trata de destrinchar a respeito do fundamento das orientações morais, não há como escapar das questões levantadas acima se realmente queremos analisar a ética teológica à luz da neuroética.

Alguns neurocientistas afirmam que a pessoa humana obedece a códigos de conduta que estão muito bem instalados no mais profundo de nosso cérebro. Códigos que surgiram para nortear a convivência entre os seres humanos, no sentido de ajuda mútua; com outras palavras, todo ser humano em suas opções pessoais é muito limitado. Não pode desprogramar a sua realidade cerebral conforme lhe apetece nem quando não lhe apetece.

⁵¹ Cf. J. R. JUNGES, *Evento Cristo e ação humana*. Temas fundamentais da ética humana. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 212

⁵² Segundo o autor: o homem nasce sempre numa sociedade que lhe fornece um sistema lingüístico e um sistema ético. O computador cerebral da criança vai assimilando, a nível inconsciente, as regras do jogo lingüístico e do jogo ético. Na medida em que o sistema ético da sua colméia se vai instalando no seu computador cerebral, converte-se num programa bioético que, a partir desse momento, funciona com as suas próprias leis e mecanismos biológicos. No hardware do computador cerebral de todos os seres humanos está instalado um sentimento específico e de índole única: o sentimento de culpa. Este é o mecanismo emocional próprio do sistema ético. Tal como o sentimento da vergonha ou do riso, o sentimento de culpa é estrutural e genético (p. 240) Cf. J. A. JÁUREGUI, *Cérebro e emoções*. O computador emocional. Lisboa: Dinalivro, 2001, pp. 224; 240.

³³ Cf. X. THÉVENOT, Que moral para o nosso tempo. Segunda parte: pontos de referência para uma nova 'construção moral', *REVISTA DE CATEQUESE* 12 (1989), 48, pp. 6-10.

³⁴ Cf. J. R. JUNIGUES, *Evento Cristo e ação humana*, op.cit., pp. 213-214. Pode-se dizer que as normas serão vividas a partir de um sujeito complexo, singular, único e limitado, o que supera uma antropologia idealista, irreal.

³⁵ Cf. F. MORA, *Neuro-cultura*, op.cit., p. 159; A. CORTINA, *Neuroética y neuropolítica*, op. cit., pp. 72-73.

Nesse sentido, quando se trata das *normas morais* há que entender que o agir humano está condicionado também pela realidade neuronal. Não existe a pessoa 100% livre para poder decidir. Também é importante entender que o sistema ético se expressa em três níveis: *universal*, *particular* e *singular*.³³ Entre a *dimensão universal* (desejável integral) e a dimensão particular (o efetivamente possível) há uma distância muito grande no que diz respeito à possibilidade de o ser humano assumir sem um mínimo de dificuldade.³⁴

Não se pode enganar com a *falácia naturalista*, como se pudesse haver uma passagem direta do *ser* (aspecto descritivo) ao *dever ser* (prescritivo). Tampouco se pode falar de uma *realidade adaptativa* entre o ser natural e o dever ser (os códigos morais) que estabeleceria normas éticas capazes de favorecer a sobrevivência dos seres humanos. Nesse caso, as normas morais como normas adaptativas deixariam como tarefa para a ética teológica o descobrir normas que garantissem a vida para os indivíduos. Inclusive se fala de uma *ética universal*. Ética universal através da qual se pode alcançar valores e normas morais assumidos e respeitados por todos os seres humanos. A ética não seria concebida como emanada de Deus, de alguma instituição religiosa, de um compromisso com a libertação dos pobres ou de uma causa universal (exemplo: a luta ecológica), senão das raízes evolutivas do ser humano e, assim, do seu cérebro, o que leva poder encontrar um ponto único e comum que justificaria uma ética universal. A ética teria uma origem biológica, e um produto resultado do processo evolutivo autêntico e genuinamente humano. Enfim, os valores éticos tão diferentes, para grupos étnicos tão distintos, podem convergir em regras e normas estabelecidas pela neuroética baseada no funcionamento do cérebro humano.³⁵

Outra temática importante tem a ver com o fato de que não se pode esquecer da *codeterminação* ou a *especificação mútua* que ocorre entre o meio ambiente e os seres vivos. Há de se dar ênfase à própria noção de que aquilo que um ambiente é não pode ser separado daquilo que os organismos são e daquilo que fazem. Este ponto foi apresentado de modo bastante eloquente por Richard Lewontin:

O organismo e o ambiente não se encontram realmente determinados de modo separado. O ambiente não é uma estrutura imposta aos seres vivos a partir do exte-

*rior, mas é de fato uma criação desses próprios seres. O ambiente não é um processo autônomo, mas sim uma reflexão da biologia das espécies. Tal como não existe nenhum organismo sem um ambiente, também não existe um ambiente sem um organismo. O ponto-chave é então que a espécie produz e especifica o seu próprio domínio de problemas a serem resolvidos por satisfação; este domínio não existe 'lá fora' num ambiente que atua como uma pista de aterragem para organismos que de alguma forma caem ou são lançados de páraquedas no mundo. Pelo contrário, os seres vivos e os seus ambientes mantêm uma relação uns com os outros por intermédio de uma especificação mútua ou codeterminação. Assim, aquilo que descrevemos como regularidades ambientais não são características externas que foram internalizadas, como pressupõe tanto o representacionismo como o adaptacionismo. As regularidades do ambiente são o resultado de uma história conjunta, uma congruência que deriva de uma longa história de co-determinação.*⁵⁶

Nas palavras de Lewontin, o organismo é tanto o sujeito como o objeto da evolução. Portanto, o organismo e ambiente estão mutuamente interagindo de diversas formas, e, assim, a constituição do mundo de um organismo é viabilizado pela história de acoplamento estrutural do organismo. Não se pode aceitar a visão de que existe um mundo pré-estabelecido e organismos como representando ou adaptando-se a esse mundo.

Também uma ética teológica alicerçada na pressuposição de que toda ação é também construída por uma base cerebral, torna-se compreensível o fato de que o *dever ser* pressupõe sempre o *ser*. Toda conduta humana está determinada ou vai-se determinando também pela base cerebral do indivíduo.

A partir disso que conclusões podem-se ter num primeiro momento? Vejamos algum:

a) a neurociência nos revela que existe uma realidade cerebral que *também* ajuda a determinar nossos comportamentos, atitudes e opções. Não ocorre um determinismo ou fixismo onde, por exemplo, a liberdade não existe – lógico, não se pode esquecer-se os indivíduos que **têm uma estrutura cerebral comprometida**;

⁵⁶ Cf. F. VARELLA – E. THOMPSON – E. ROSCH, *A mente corpórea*. Ciência cognitiva e experiência humana. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, pp. 258-259. Na página 263, os autores fornecem uma crítica à visão adaptativa da evolução como um processo de adequação progressiva (mais ou menos), e articulam uma visão alternativa da evolução como tendência natural.

³⁷ Cf. A. CORTINA, *Neuroética*, op. cit., pp. 77-81; utilizaremos com liberdade a reflexão da filósofa, apesar de certa discordância com algumas conclusões da mesma.

³⁸ Corre-se o risco de se chegar a conclusões apressadas. Vejamos o que afirma Adela Cortina: Fundamentar una ética en el cerebro significaría, sin embargo, que existen determinados códigos en el cerebro humano, tal como ha sido formado a lo largo del proceso de evolución, que prescriben las normas que deben seguirse moralmente, permiten captar los valores que reconocemos como Morales, indican qué sentimientos debemos cultivar si queremos comportarnos moralmente y también qué virtudes debemos incorporar. Cf. *Idem*, pp. 94-95.

b) no processo do co-evoluir a espécie humana, como todos os seres vivos, vai encontrando as trilhas que favorecem a sobrevivência;

c) a moral não seria uma experiência nascida do mecanismo adaptativo em relação à ordem cerebral ou à realidade. Pelo contrário, ocorre uma co-determinação;

d) o cérebro não carrega em si códigos morais que prescreveriam o que uma pessoa ou um grupo deveriam fazer ou como se comportar;

e) toda ação moral está *também mediada* ou *produzida* pela emoção, e não apenas por argumentos racionais;

f) ocorre uma vinculação entre as áreas cerebrais e o raciocínio humano; entre o funcionamento do cérebro e a cultura.³⁷

III. ELEMENTOS FUNDANTES DE UMA ÉTICA TEOLÓGICA NA TRILHA DA NEUROÉTICA

Partindo da argumentação de que as condutas humanas morais se sustentam em bases cerebrais, e bases não comprometidas, por exemplo, por lesões que comprometem seriamente as decisões dos indivíduos, isso leva a determinadas conclusões que explicitaremos a seguir.

Penso que não é possível dialogar com a neurociência desde uma mentalidade pouco dialética, interativa e holística.³⁸ Não se pode dizer que uma ética teológica fundamentada nas bases cerebrais possa levar necessariamente a identificar o *moralmente bom* com o que convém pessoal ou grupalmente sem um discernimento ético (1Ts 5,21). Não há dúvida que, o *moralmente bom* aponta para além do interesse próprio; vale dizer, uma ação humana é moralmente boa se garante a defesa e a promoção da vida em qualquer nível, se ajuda os seres humanos a encontrar a felicidade, se encarna os valores e normas que favorecem a humanização da vida e a sustentabilidade da natureza.

Também vejo dificuldade em taxar uma ética teológica fundamentada também no cérebro como uma ética necessariamente e unicamente com tendência *universal*. Quando penso que cada cérebro é uma singularidade ou resultado de uma vida pessoal em interação com um meio ambiente específico, isso acaba determinando muito a maneira do *Ser* e, assim, do *Dever ser*. Não existe uma ação pré-programada

com caráter de absoluto. Pode-se cair num reducionismo ao querer pensar uma *ética universal* a partir de bases cerebrais, as quais apresentarão uma estrutura moral que será comum a todos os seres humanos.

O cérebro se insere dentro de uma dinâmica profunda com o próprio corpo e o meio ambiente. Todas as decisões e ações éticas partem dessa interpenetração ou coexistência interativa. Nesse sentido, pode-se afirmar com Damásio:

a) o cérebro humano e o resto do corpo constituem um organismo indissociável, formando um conjunto integrado por meio de circuitos reguladores bioquímicos e neurológicos mutuamente interativos (incluindo componentes endócrinos, imunológicos e neurais autônomos);

b) o organismo interage com o ambiente como um conjunto: a interação não é nem exclusivamente do corpo nem do cérebro;

c) as operações fisiológicas que denominamos por mente derivam desse conjunto estrutural e funcional e não apenas do cérebro: os fenômenos mentais só podem ser cabalmente compreendidos no contexto de um organismo em interação com o ambiente que o rodeia. O fato de o ambiente ser, em parte, um produto da atividade do próprio organismo apenas coloca ainda mais em destaque a complexidade das interações que devemos ter em conta.³⁹

Considerando o que foi apresentado até aqui, como caracterizar uma ética teológica com base cerebral? Vejamos algumas possíveis pistas para uma estruturação da ética teológica:⁴⁰

3.1. A ética teológica tem que reconhecer a importância das emoções na vida moral e na formulação dos juízos morais

Torna-se inconcebível e sem sentido pensar uma ética teológica que trabalha as condutas humanas e sociais sem a *grande primeira referência: a emoção*. As ações humanas sempre acontecem dentro de uma experiência especificada estruturalmente como emoção. É a emoção que funda a interação entre os indivíduos e/ou o social.⁴¹ Nesse sentido, pode-se afirmar:

³⁹ Cf. A. DAMÁSIO, *O erro de Descartes*, op. cit., p. 17.

⁴⁰ Utilizaremos com liberdade a reflexão de A. CORTINA, *Neuro-ética*, op. cit., p. 82-91.

⁴¹ Cf. H. MATURANA, *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: FMG, 2001, p. 47-48. O autor lembra que o social é uma dinâmica de relações humanas que se funda na aceitação mútua.

as preocupações éticas não dependem da razão. A ética é tratada como uma parte do domínio da filosofia, e a justiça também, ou das ciências políticas, como se tivessem a ver com a razão. De fato, fazem-se reflexões racionais. De fato, tudo o que estou fazendo, faço nas coerências racionais mais impecáveis que se possa imaginar. Mas a reflexão ética surge apenas exclusivamente no espaço de preocupações pelo outro. As reflexões éticas nunca vão além do domínio social em que surgem. Por isso é que uma argumentação sobre o respeito, a ética, os direitos humanos não convence a ninguém que já não esteja convencido. Porque não é a razão que justifica a preocupação pelo outro, mas é a emoção. Se estou na emoção de aceitação do outro, o que lhe acontece tem importância e presença em mim. Faz-se uma reflexão ética. ‘Como podemos deixar que aconteça isto com estas pessoas?’ Mas se estas pessoas não pertencem ao social no qual estou, o que lhes aconteça não me toca. Aqui não há preocupação ética. Por muito que afirmemos a ética, o humano, os humanos, fazemos todo um discurso maravilhoso e impecável, mas que não serve para nada, não porque não esteja impecável, mas porque não faz referência ao espaço de aceitação mútua no qual a preocupação ética tem sentido.⁴²

⁴² Cf. H. MATURANA, *Cognição, ciência e vida cotidiana*, op.cit., p. 49.

Enfim, a ética teológica tem de compreender que a *ausência* ou *desconsideração* das emoções diante da necessidade do racionalizar frente a uma decisão a ser feita ou uma ação a ser assumida, apenas desqualifica ou incapacita a própria ética teológica de cumprir sua função de ajudar a vida humana. Com propriedade também se pode dizer que

as emoções e os sentimentos terão sido um alicerce necessário para os comportamentos éticos muito antes de os seres humanos terem iniciado a construção deliberada de normas inteligentes de conduta social. As emoções e os sentimentos teriam começado a fazer parte dos organismos complexos em etapas evolucionárias anteriores, que dizem respeito a espécies não humanas, e teriam sido um fator importante no estabelecimento de estratégias cognitivas de cooperação.⁴³

⁴³ Cf. A. DAMÁSIO, *Em busca de Espinosa. Prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 172.

Já não dá mais para ajuizar ou compreender eticamente as ações de um indivíduo, desconsiderando sua experiência emocional.⁴⁴ Corre-se a tentação de cair no legalismo, casuismo e conservadorismo – o que não ajuda em nada para ser resposta nova e relevante para a vida das pessoas.

3.2. A ética teológica tem que compreender que todo ser humano é um interagir e um coexistir com toda a sua realidade existente

É imprescindível compreender que a conduta humana se dá por uma co-determinação entre a base cerebral e as circunstâncias nas quais o ser humano está se fazendo e (con)vivendo. Ocorre um entrelaçamento, uma conexão e uma interdependência de todos os fenômenos e seres vivos ou não. Por isso se fala de *teia da vida*.⁴⁵ Os seres são compreendidos também a partir de uma teia dinâmica de eventos inter-relacionados. Nenhuma parte da teia é fundamental; o importante é que todas as partes vivem uma consistência construída entre a parte e o todo – a *tensão básica é a tensão entre as partes e o todo. A ênfase nas partes tem sido chamada de mecanicista, reducionista ou atomística; a ênfase no todo, de holística, organísmica ou ecológica*.⁴⁶ Por isso, a realidade é pensada desde um paradigma chamado de holístico, o qual concebe tudo o que existe dentro de um todo integrado, e não como partes dissociadas. Quando se trabalha a ética teológica um dos temas estudado é o *valor*. Ao tratar do valor nessa nova perspectiva paradigmática pode-se dizer:

*Enquanto que o velho paradigma está baseado em valores antropocêntricos (centralizados no ser humano), a ecologia profunda está alicerçada em valores ecocêntricos (centralizados na Terra). (...) Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependências. Quando essa percepção ecológica profunda torna-se parte de nossa consciência cotidiana, emerge um sistema de ética radicalmente novo.*⁴⁷

Enfim, a co-determinação entre os seres vivos e o meio ambiente e dos seres vivos entre eles é algo dado pelos cientistas como indiscutível. Não existe na realidade o regime do separado, dissociável. Como se afirma:

⁴⁴ *Los nuevos resultados indican que, cuando alguien está dispuesto a actuar según una determinada creencia moral, es porque la parte emocional de su cerebro se ha activado al pensar en la cuestión moral. Cf. M. S. GAZZANIGA, El cerebro ético, op.cit., p. 170.*

⁴⁵ *A concepção de sistemas vivos como redes fornece uma nova perspectiva sobre as chamadas hierarquias da natureza. Desde que os sistemas vivos, em todos os níveis, são redes, devemos visualizar a teia da vida como sistemas vivos (redes) interagindo à maneira de rede com outros sistemas (redes). Cf. F. CAPRA, A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, s/d, p. 44.*

⁴⁶ *Idem, p. 33.*

⁴⁷ *Idem, p. 28.*

*o ponto crucial é que não retemos a noção de um ambiente independente e preestabelecido, mas deixamo-lo desvanecer no pano de fundo a favor dos chamados fatores intrínsecos. Em vez disso, damos ênfase à própria noção de que aquilo que um ambiente é não pode ser separado daquilo que os organismos são e daquilo que fazem. (...) ‘O organismo e o ambiente não se encontram realmente determinados de modo separado. O ambiente não é uma estrutura imposta aos seres vivos a partir do exterior mais é de fato uma criação desses próprios seres. O ambiente não é um processo autônomo mas sim uma reflexão da biologia das espécies. Tal como não existe nenhum organismo sem um ambiente, também não existe um ambiente sem um organismo’.*⁴⁸

⁴⁸ Cf. F. VARELLA et alii, *A mente corpórea*, op. cit., p. 25.

Todo organismo vivo e a realidade existente estão mutuamente envolvidos, ou seja, ocorre um *acoplamento estrutural* entre tudo o que existe. Tudo leva a concluir que o cérebro funciona a partir do aspecto interativo com o meio ambiente físico e social-cultural. Então as decisões ou condutas humanas, como fruto também da dimensão neuronal, serão resultado da co-determinação entre o cérebro, o corpo e a realidade existente.⁴⁹ Se a ética teológica não perceber, captar e assimilar essa realidade interativa e de co-determinação, poderá prejudicar ou desfavorecer uma experiência de vida mais rica, profunda e responsável. O que leva a asfixiar o processo de humanização dos seres humanos e a um descuido da vida dos seres vivos em geral.

⁴⁹ Cf. A. DAMÁSIO, *O erro de Descartes*, op. cit.

3.3. A ética teológica deve se abrir a um conhecimento e a um entendimento da vinculação da base neuronal e as condutas humanas

⁵⁰ Cf. A. DAMÁSIO, Compreender os fundamentos naturais das convenções sociais e da ética, dados neuronais. In CHANGEUX J. P. (Ed.), *Fundamentos naturais da ética*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, p. 114.

Não é possível avançar na ética teológica desconsiderando a revelação das bases neuronais da razão e do comportamento humanos. Como também não se deve ficar surpreendido que daí decorra o entendimento das bases neuronais das convenções sociais, culturais e ética.⁵⁰ As decisões que o indivíduo assume no nível da ética não dependem somente das convenções sociais, culturais e da ética, mas também do suporte neurofisiológico em sistemas neuronais. O cérebro tem como finalidade defender ou garantir a sobrevivência do

organismo e do indivíduo. Uma disfunção neuronal consecutiva, por exemplo, de uma lesão do córtex pré-frontal pode levar a comportamentos anormais.⁵¹ Inclusive chega-se a afirmar que

*a construção a que chamamos ética deve ter começado como parte de um programa geral de regulação biológica. O embrião dos comportamentos éticos deve ter sido mais uma etapa na progressão que inclui os mecanismos não conscientes e automatizados que nos permitem regular o metabolismo, ter pulsões e motivações e ter emoções e sentimentos dos mais diversos tipos. Não é difícil imaginar a emergência da justiça e da honra a partir de prática de cooperação.*⁵²

Também não é correto dizer que, pelo fato dos mecanismos biológicos contribuírem para determinadas condutas humanas, eles sejam isolados os determinantes dessas condutas.

*Creio, evidentemente, que os comportamentos éticos dependem da atividade de certos sistemas cerebrais. Mas esses sistemas não são centros. Não dispomos de um centro ou centros de moral. Nem mesmo a região ventromedial do córtex pré-frontal, cuja importância para os comportamentos éticos é óbvia, deve ser considerada um centro. Além disso, os sistemas que apoiam os comportamentos éticos não começaram a sua existência neural com uma dedicação exclusiva à ética. No fundo, são sistemas dedicados à regulação biológica, à memória, à decisão e à criatividade. Os comportamentos éticos são, eles mesmos, o resultado de certas sinergias entre essas atividades.*⁵³

3.3.1. A ética teológica não pode ignorar o risco de uma perspectiva de ética universal

Partir do entendimento do pilar básico da neurociência de que o que se chama ética depende do funcionamento do cérebro e, em particular, de sistemas ou códigos cerebrais, isso não pode levar a uma estreita e/ou falsa compreensão do como compreender uma ética teológica de perspectiva uni-

⁵¹ Cf. A. DAMÁSIO, Compreender os fundamentos naturais das convenções sociais da ética, dados neurais, *op.cit.*, p. 125-126. O autor, depois de ter tratado casos concretos de pessoas lesionadas, tira uma série de conclusões, concluindo que a finalidade fundamental à tomada de decisões no quadro social permanece a mesma que a da tomada de decisão em geral: trata-se da sobrevivência do organismo.

⁵² Cf. A. DAMÁSIO, *Em busca de Espinosa*, *op. cit.*, p. 174.

⁵³ *Idem*, p. 177.

⁵⁴ Cf. A. CORTINA, *Neuroética*, op. cit., p. 88-90. Lembrando a frase de Edward Wilson: *Parece chegada a hora em que cientistas e humanistas estimam como necessário retirar temporariamente a ética das mãos dos filósofos e colocá-la nas dos biólogos*; percebe-se que essa idéia promove a concepção de que a ética deve biologizar-se, o que levanta questões: *significará que os próprios enunciados normativos – os valores éticos – surgem graças às leis da evolução por seleção natural e a elas permanecem sujeitos? Se assim é, esses valores deveriam fazer parte dos códigos de toda a espécie humana.* Cf. Ç. J. CELA-CONDE, *Ética, diversidade e universalismo: a herança de Darwin*. In CHANGEUX, J. P. (Ed), *Uma mesma ética para todos?* Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p. 80.

versal. Que se pode fundamentar, à luz das bases neuronais, uma ética universal é possível, sem esquecer que os elementos neuronais são apenas *um* elemento de critério, e não mais. Por isso, a compreensão das bases neuronais como critério para uma ética de perspectiva universal, e conseqüentemente, como *único*, para entender os comportamentos dos indivíduos não pode ser aceito. Nessa visão é possível dizer com Cortina:

a) a base neuronal como critério único não é uma *verdade* absoluta ou com poder de abarcar toda a realidade dos comportamentos humanos;

b) também desde uma *concepção naturalista* dos comportamentos deduzir que se pode chegar a uma ética universal é algo questionável. Entre o *ser* e o *dever ser*, o *descritivo* e o *prescritivo*, a determinação da conduta humana pelos *códigos cerebrais* e os vários fatores das *circunstâncias sócio-culturais* que determinam o agir humano, há muito que aprofundar.⁵⁴

O processo evolutivo não é o único responsável *no* e *para* o agir humano. Por isso, nossa posição sobre a ética, e no caso específico sobre a ética teológica, não se direciona sobre um universalismo ético ingênuo ou de pouco fôlego frente aos desafios que surgem na atual civilização humana. Apesar de alguns pensarem que a *vida boa*, o *ideal de vida justa e boa* etc. podem ser partilhados, independente das diferenças culturais e de opiniões inconciliáveis, pelo fato de que os seres humanos *possuem um cérebro cujos grandes princípios de organização são os mesmos para o conjunto da humanidade*,⁵⁵ a visão, por exemplo, da *vida boa e justa* poderá diferir entre as pessoas, consoante as circunstâncias (clima, realidade social, sistema de crenças, cultura etc.) e o próprio funcionamento do sistema neuronal. É fundamental o *debate aberto e pluralista* na atual civilização, além de uma compreensão profunda do *relativismo moral* – o que dificulta pensar ou defender uma ética universal ou absoluta,⁵⁶ ou impor uma uniformidade convencional para, assim, permitir a *vida em comum* ou construir uma coexistência entre os seres humanos respeitando as diferenças legítimas. O que é viável é promover princípios éticos para a atual civilização, por exemplo, a defesa ecológica ou promoção da inclusividade dos excluídos nas sociedades, e que esses princípios sejam promovidos a partir de cada contexto étnico e societário. Também nas últimas dé-

cadase tem procurado alargar a distinção que se faz entre os domínios do *motivo do agir* e a do *critério moral*, em vista de que a distinção não basta para explicar a complexidade que permeia uma conduta humana.

Cada um desses domínios pode ser compreendido de forma geral, coletiva. O conjunto das determinações genéticas que nos incitam a manter atitudes morais, a avaliar e a preferir, faz parte do genoma comum da espécie. O conjunto dos valores morais do grupo é uma construção cultural e esta construção é historicamente estabelecida em cada sociedade e em cada época. Mas estes dois patrimônios coletivos têm, também, uma expressão individual: eles confluem num ser humano particular. Assim, parece necessário acrescentar aos domínios do motivo e do critério um terceiro domínio, que poderíamos denominar de ‘atualização’ ética e cujo sentido ontológico é diferente dos dois precedentes. O novo domínio da atualização ética é efetivamente individual: ele toma corpo numa combinação duplamente única de alelos, por um lado, de valores, por outro, que confluem no cérebro de cada indivíduo ou, se se preferir, no seu espírito. A atualização de todas as combinações genéticas e ideológicas possíveis realiza-se em cada um de nós de forma individual e única.⁵⁷

Para terminar, parece importante citar um grande especialista no mundo da neurociência, o qual tem trabalhado a questão da ética universal – afirma Gazzaniga:

Creio...que não devemos buscar uma ética universal que abarque verdades absolutas, senão uma ética universal que nasce do fato de ser humano, que é claramente contextual, sensível à emoção e orientada à luta pela sobrevivência. Por isso é tão difícil formular regras absolutas para a vida nas quais coincidamos todos. Mas a constatação de que a moralidade é contextual e social, e de que se baseia em mecanismos neuronais, pode ajudar-nos a determinar certas maneiras de tratar questões éticas. Esse é o imperativo da neuroética: partir de uma constatação científica – a observação de que o cérebro reage diante das coisas segundo sua configura-

⁵⁵ Cf. J. P. CHANGEUX, O debate ético numa sociedade pluralista. In CHANGEUX, J. P. (Ed.), *Uma mesma ética para todos?* Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p. 18.

⁵⁶ Cf. H. ATLAN, Os níveis da ética, In CHANGEUX, J. P. (Ed.), *Uma mesma ética para todos?* Op. cit., pp. 103-104. A questão é se existiria um critério universal que pudesse dizer se um sistema de valores e de normas seria moralmente melhor ou pior do que outro; e como ele poderia ser aceito por diferentes sociedades e diferentes culturas.

⁵⁷ Cf. J. Camilo Cela-Conde, Ética, diversidade e universalismo, *op. cit.*, p. 83.

*ção – para contextualizar e discutir os instintos viscerais que aportam os maiores benefícios – ou as soluções mais lógicas – em determinados contextos. Estou convicto de que devemos comprometer-nos com a ideia de que é possível uma ética universal, e de que convém por todo o empenho para compreendê-la e defini-la. É uma ideia que assusta, aparentemente absurda. Mas não existe outra opção. Agora compreendemos quanto tendenciosas são nossas crenças sobre o mundo e a natureza da experiência humana, quanto temos chegado a depender das histórias do passado. De certo modo todos sabem. Ao mesmo tempo, nossa espécie necessita crer em algo, em alguma ordem natural, e uma das conquistas da ciência moderna é contribuir com a descrição dessa ordem.*⁵⁸

⁵⁸ Tradução livre de M. S. GAZZANIGA, *El Cérebro ético*, op. cit., p. 179.

Espero que a reflexão apresentada possa ter demonstrado um pouco das questões e dos desafios que se colocam para a ética teológica na atualidade, partindo das conquistas da neurociência. Não procuramos apresentar respostas diante do novo panorama reflexivo, e sim, provocar inquietude e vontade de seguir aprofundando a temática. Urge trilhar um caminho provocativo e novo, elucidativo e questionador, misterioso e esperançador para a ética teológica. Não dá mais para seguir no marasmo e arcaico poder de reflexão! Para novos tempos, é preciso encontrar novas saídas, as quais ajudarão a vida em qualquer nível.